

## Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo

The street eyes: the photography as process of being in the world

Carolina da Silva Peixoto  
Simone Grohs Freire  
**Universidade Federal do Rio Grande - FURG**  
Rio Grande/RS-Brasil

### Resumo

O presente artigo apresenta as reflexões a partir de uma ação em Educação Ambiental realizada em um dispositivo de assistência social para pessoas em situação de rua do município de Rio Grande/RS. O objetivo desse trabalho foi analisar de que forma a experiência estética pode funcionar como uma ferramenta de construção social e subjetiva promovendo uma nova forma de relação que se estabelece entre os seres humanos e o meio ambiente. Nesta ação, foram propostas oficinas de fotografia usando os lugares habitados pelos sujeitos como cenário. Dentre as questões que serão abordadas estão nossa relação com os espaços que nos cercam, a busca pelo belo, sentimento de pertencimento e justiça ambiental. Neste trabalho, percebemos a potência da atitude estética como ferramenta na construção da subjetividade e sua contribuição para uma educação ambiental voltada à emancipação dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Estética; Fotografia.

### Abstract

This article presents the results and reflections from an intervention in Environmental Education carried out in a social assistance center for people living on the streets in the city of Rio Grande/RS. The aim of this work was to analyze how the esthetic experience can function as a tool of social and subjective construction promoting a new form of relationship that is established between human beings and the environment that surrounds them. We proposed photography workshops using the places inhabited by the subjects as a scenario. Among the issues that will be addressed are our relationship with the spaces that surround us, the search for belonging and environmental justice. In this work, we perceive the power of the esthetic attitude as a tool in the construction of subjectivity and its contribution to an environmental education aimed at the emancipation of the subjects.

**Keywords:** Environmental Education; Esthetics; Photography.

## **Introdução**

A Educação Ambiental (EA), principalmente na sua vertente crítica, vem sendo vista como uma maneira de criar novas formas de compreender o mundo e lidar com as dificuldades que ele nos apresenta. Mais que uma prática educativa, é também uma maneira de pensar e agir a partir de valores que vão contra o padrão vigente e buscam uma sociedade mais igualitária (REIGOTA, 1994; LAYRARGUES, 2012). Este artigo traz um relato da experiência e as reflexões suscitadas a partir de um projeto de ação em educação ambiental desenvolvida durante o curso de especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Este trabalho nasceu a partir da vontade de pensar interlocuções entre a educação ambiental e a psicologia. Tomando como ponto de partida a experiência estética de pessoas em situação de rua, buscamos pensar sobre as subjetivações dos sujeitos que participaram da ação e os atravessamentos biopsicossociais de quem ocupa o espaço da rua como um espaço de ser/estar no mundo. A EA será pensada aqui, como uma forma de discutir os espaços, ou seja, o ambiente, e seus usos pela população em geral.

Será importante aqui que pensemos na História da Loucura (FOUCAULT, 2007) e nos espaços destinados a todos aqueles que, de alguma maneira, desviaram suas existências para valores e modelos diferentes do padrão social. Hoje, com a luta antimanicomial e com a ampliação dos espaços destinados a saúde mental, os muros dos manicômios tendem a ficar cada dia menores e mais restritos. Isso não significa, porém, que uma significativa parcela de pessoas ainda esteja presa em muros sociais invisíveis, mas suficientes para mantê-las à margem do cotidiano das cidades. São enclausurados, então, aqueles que representam o fora, a desrazão e a loucura, todos marcados pelo signo da doença e por isso, excluídos do convívio social. Em verdade, representam tudo aquilo que não suportamos (SANDER, 2010).

As pessoas em situação de rua são caracterizadas como aquelas que usam este espaço como local de moradia e convivência de forma permanente ou temporária (COSTA, 2005). De maneira geral, essas pessoas têm em comum uma situação de extrema vulnerabilidade social com vínculos familiares fragilizados ou rompidos, pobreza e ausência de moradia regular. A invisibilidade deste grupo é tão grande que não existem estatísticas oficiais precisas que retratem essa população. Somente em 2009 uma primeira estimativa foi feita em 71 principais cidades do país contabilizando quase 32.000 pessoas adultas em situação de rua (ALCANTARA *et al.*, 2015). Esses grupos são registrados desde a antiguidade,

e desde lá já viviam em situação de exclusão e mendicância. Desde lá, também, políticas sociais e higienistas ainda vigoram, na tentativa de esconder e marginalizar os ditos “sujos, loucos e diferentes”, e estabelecer um padrão social aceito (COSTA, 2005). Nesse sentido, pensar os espaços da rua como espaços políticos faz muito sentido na perspectiva crítica da educação ambiental. Assim como faz sentido também pensar os sujeitos da rua como sujeitos políticos e invisibilizados por um sistema social e econômico que não os vê como produtivos e organizados.

Tendo em vista estas problemáticas, a questão motivadora deste trabalho é discutir sobre o que representa para nós, nos tempos atuais, a marginalização e a invisibilidade de alguns grupos sociais. Os hospitais psiquiátricos, as ruas e as periferias estão cheias. Mas o que há lá? Quem são essas pessoas? O que têm a dizer? Assim, este projeto busca dar voz às pessoas em situação de rua usando a arte da fotografia como ferramenta de diálogo do sujeito com ele mesmo e dos sujeitos com seus possíveis leitores. Pensar o humano a partir do seu contexto dá luz às questões históricas e sociais muito sérias e que interferem na vida de todos nós. A psicologia se propõe a pensar o humano de forma complexa e ampla, e por isso pode se unir à educação ambiental crítica para discutir as questões que esse trabalho levanta: invisibilidade, marginalização, subjetividade, humanidade. Portanto, o objetivo deste artigo é, através de um estudo de caso, trazer reflexões sobre a subjetivação dos sujeitos em situação de rua participantes da ação sobre sua cidade e o espaço que ocupam, a partir da ação realizada. Além disso, buscamos aqui discutir como a arte e a estética podem influenciar nossa relação com o meio e podem ser constitutivas de um eu mais rico e integrado ao mundo.

Para pensarmos essas questões, inicialmente o artigo trará uma breve apresentação da ação em educação ambiental em suas etapas. Em seguida, faremos uma discussão teórica permeada pelos resultados da prática e por fim, trazemos nossas considerações finais.

### **Ação em Educação Ambiental**

A proposta deste trabalho foi pensar em uma ação que partisse de uma perspectiva crítica da EA, onde os participantes da ação fossem protagonistas de seu processo pedagógico, numa construção conjunta e orgânica. A ideia surgiu para que pensássemos a experiência radical de viver em situação de rua para problematizar o sentido político que a ocupação dos espaços urbanos nos apresenta. Além disso, pensar que essa existência dita

### *Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo*

errante, está permeada por sentidos subjetivos cheios de delicadeza e riqueza interna. Portanto, nossa ação está baseada no uso da fotografia como elemento estético dialógico para considerarmos uma nova forma de pensar a EA.

Para facilitar o acesso aos participantes da ação, estabelecemos uma parceria com o Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua) do município de Rio Grande/RS. Após algumas visitas ao local, foram agendadas as primeiras atividades de oficinas de fotografia, realizadas pela equipe do Laboratório de Fotografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A primeira atividade consistiu em uma oficina de fotografia *pinhole*, método em que a foto é feita utilizando uma câmera artesanal feita de lata. Montamos uma sala escura onde pudemos manusear as câmeras e posicionar o papel fotográfico dentro das latas. Depois disso, fomos à rua e cada participante fez a sua foto. Após, realizamos a revelação dos negativos na sala escura e pudemos ver as primeiras imagens aparecendo. Cada participante pôde ficar com uma câmera para realizar uma foto sozinho durante a semana seguinte. Na segunda oficina, os participantes da ação visitaram a universidade e receberam os positivos das fotos da primeira oficina. Além disso, fizemos mais fotos e revelamos no próprio laboratório da FURG. A terceira oficina foi realizada no Centro POP com o uso de câmeras digitais. Fizemos fotos dos arredores do local e aprendemos a manusear as câmeras. A quarta oficina foi uma saída aos locais da cidade que os participantes da ação sugeriram para fazermos fotos, também com as câmeras digitais. Por fim, os autores das fotografias reuniram suas imagens preferidas para montarmos um mural no Centro POP. Além disso, as fotos escolhidas por eles foram expostas em um festival artístico promovido pela prefeitura do município que contou com a participação de diferentes artistas da cidade. Nesta ocasião, os fotógrafos do nosso projeto visitaram sua exposição que aconteceu no Campus da universidade.

#### **Reflexões: Estética e subjetividade na EA**

Tomaremos aqui, o conceito de meio ambiente proposto por Reigota que considera:

Meio ambiente como um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (2006, p. 21)

Podemos observar, portanto, que a leitura que teremos de mundo e de meio ambiente vem atravessada por uma série de questões culturais, históricas e sociais que nos permitem uma diversidade de horizontes, marcadas pelas experiências individuais de um contexto e de um tempo. Assim, abandonamos a noção simplista de meio ambiente e

abrimos a possibilidade de aprendermos com os sujeitos da ação, sobre de que meio ambiente estamos falando a partir de suas próprias perspectivas. Faremos aqui, o exercício interpretativo do mundo do outro, assumindo a posição de espectadores em uma “prática dialógica e investigativa”, como aponta Eichenberger (2016).

Considerando o conceito de meio ambiente que trouxemos acima, poderíamos concluir que, a princípio, exista uma conexão íntima entre o ser humano e o meio que o cerca. Afinal, o lugar que ocupamos no mundo, seja ele físico ou subjetivo, é dotado de uma rede de significados construída ao longo de nossa existência. Nesse sentido, o meio ambiente que nos cerca é também tecido de sentidos atribuídos em função de uma cultura e tempo, tornando-se lugar de afeto, onde são construídas as bases de nossas relações com o mundo e com nossa própria identidade. A partir daí a noção de pertencimento é importante para entendermos as representações que damos ao mundo que nos cerca (COUSIN, 2010).

A globalização e a transitoriedade, características de nossa época, mudaram nossa relação com o meio ambiente. Como produto do sistema capitalista hegemônico, temos também uma fragmentação das relações, não só entre os humanos, mas entre o humano e a natureza. Aos poucos, nossa noção de pertencimento foi distanciando-se do mundo material, do lugar em que vivemos, e foi tornando-se cada dia mais virtual. Isso leva-nos a um desenraizamento que nos distancia a tal ponto de fragilizar nossa própria noção cultural e identitária. A lógica desenvolvimentista na qual estamos imersos, provoca mudanças nos modos de vida, criando o que Marin e Silveira (2009) chamam de os “não-lugares”, ou seja, espaços desprovidos de sentido e relação histórica e identitária. Esses “não-lugares” podem levar-nos a desaprender a relação sensível com o meio, numa “deseducação dos sentidos” que nos desconecta do mundo (MARIN & SILVEIRA, 2009). Assim, a relação estética com a natureza e a sensibilização dos sentidos promove uma relação dialógica com a natureza que é fluída e existencial, dando-nos a noção de lugar, de pertencimento, e a de ser/estar no mundo. A criação de sentido a partir da experiência estética dá forma à nossa existência, aos nossos desejos e valores e, portanto, geram significados que enriquecem a subjetividade humana.

Conforme Dufrenne, a experiência estética assume um caráter transcendental, pois entende que ela “se situa na origem, naquele ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua familiaridade com o mundo; a natureza se

### *Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo*

desvenda para ele, e ele pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece” (DUFRENNE, 2002). Assim, o ser humano não olha o mundo mais a partir de seu lugar descolado; não mais como algo a ser admirado e manipulado, mas sim como parte de si, confundindo-se com o meio e familiarizando-se com ele. O meio passa a ser, então, como um espelho onde me vejo, onde posso me identificar, invadido pela sua imensidão e infinidade de possibilidades, me transformando e fluindo com o mundo.

No caso dos envolvidos neste projeto de ação, podemos imaginar que essa fusão com o mundo se misture ainda mais com o modo de vida de que dispõem, onde as pessoas em situação de rua vivem confundidas inteiramente com o meio, objetos que se movem, fundidas à cidade, como um sintício. Desse modo, podemos pensar que vivem a exclusão social ao mesmo tempo em que experimentam a inclusão física brutal nos espaços públicos. Como e onde fica o sentimento de pertencimento de quem vive assim? Pensamos então, que a fotografia poderia ser usada aqui como instrumento estético para olhar a cidade e promover encontros; encontro com o meio e encontro consigo.

O uso da fotografia no campo das ciências humanas é uma possibilidade de se produzir discursos, criando significados e dando sentido às imagens captadas. É uma forma de dizer de si e do mundo, para que o autor das fotografias conte histórias que possam ser lidas pelos seus olhares (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). A experiência fotográfica se transforma agora em uma maneira de criar um discurso próprio, criar uma narrativa de si, onde os sujeitos podem nomear, definir os lugares e encontrar aí o lugar do outro e o lugar do eu; lugar do meio e seu lugar no meio. Aqui, viram sujeitos e não mais objetos confundidos com a cidade, são sujeitos da cultura e de suas próprias existências. A câmera nas mãos lhes dá poder de discurso, de produzir algo, de dizer a cidade através das suas fotos.

As primeiras experiências nas oficinas com as câmeras *pinhole* trouxeram um aspecto mágico ao processo, onde o espanto em ver a foto nascer de uma lata era a primeira reação. Aos poucos, depois de entender como a câmera funcionava, era necessário escolher um local, um objeto ou um cenário para fazer a foto. O fato de se ter uma “única chance”, ou seja, de ter disponível ali na lata um papel posicionado para uma foto específica daquele momento, fez com que eles fossem tomados pela importância do olhar. Eles especularam os arredores do Centro POP com cuidado para escolher a locação e produzir a sua foto. Dois sentimentos foram muito marcantes: primeiro, o cuidado com o material, a delicadeza com

que maneжaram tudo e, depois, a preocupação com a escolha da melhor posição para enquadrar aquilo que eles queriam que fosse fotografado. Nesse momento, percebemos que começaram a treinar o olhar para uma nova forma de interpretar o espaço que estavam ocupando ali, naquele centro de assistência municipal.

Aos poucos, o cenário dos arredores do Centro POP não foi mais sendo suficiente, e pediram que saíssemos para outros locais da cidade. E o que eles buscavam com isso? A beleza da cidade. As locações escolhidas eram locais mais harmoniosos, mais bem cuidados, e com beleza natural. Percebemos ali que experimentar o mundo através da câmera era como experimentar uma dimensão estética da cidade. A figura a seguir (Fig. 1) mostra algumas das fotos produzidas com as câmeras *pinhole* (A) e também algumas fotos feitas com câmeras digitais em uma praça da cidade (B).

Figura 1 - Oficinas fotográficas

A.



B.



Fonte: Fotos tiradas com câmeras *pinhole* nos arredores do Centro POP (A) e fotos tiradas com câmeras digitais na Praça Xavier Ferreira no município de Rio Grande (B).

Os argumentos apresentados pelos participantes do projeto para que fizéssemos saídas pela cidade era de que o cenário que cerca o Centro POP “é feio” e “não tinha nada a ser fotografado”. Essa vontade expressa algo que Marin e Kasper (2009) trazem em seu texto quando nos dizem que “a relação com o ambiente é necessariamente uma relação

*Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo estética*”. A busca por locais diferentes daquele degradado para fotografar é uma busca pelo belo, algo inato na condição humana.

Pensemos, agora, sob a ótica da justiça ambiental, a respeito da disponibilidade do belo e a oportunidade de vivenciar a experiência estética a partir da beleza. Seria possível considerar que temos todos as mesmas chances de apreciação do belo? Nossa ação mostra que não. As primeiras fotos, tiradas ao redor do Centro POP, retratam uma realidade que quando confrontada com as fotos tiradas na praça e no cais do porto mostram que houve um movimento sutil em busca do belo (Fig. 2).

Figura 2 – Oficinas fotográficas



Fonte: Fotos realizadas nos arredores do Centro POP no primeiro dia de oficina (A). Fotos realizadas na Praça Xavier Ferreira em Rio Grande/RS (B).

A cidade (e o mundo), em sua distribuição desigual, reserva aos grandes centros a possibilidade de um mínimo de cuidado, saneamento, higienização e manutenção, enquanto deixa às periferias ambientes mais deteriorados e pobres esteticamente, bem como a maior parte dos problemas ambientais. E como esperado, os locais mais bem elaborados e com



maior cuidado estético está restrito mais ainda às propriedades privadas e aos verdadeiros donos do capital. Freud, em *O mal-estar na civilização*, diz que:

[...] a felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza, onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento - a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la (FREUD, 1930, p. 90).

Entendemos, então, que o belo, seja ele natural ou construído por nós, faz parte das oportunidades estéticas humanas e das vivências necessárias para o desenvolvimento dos sentidos e da nossa sensibilidade subjetiva para a vida. Como lembra Marin e Kasper (2009), a necessidade estética funciona como mais uma necessidade sócio ambiental e “deveria permear os discursos inclusivos, deixando de ser considerada artigo de luxo para ser condição básica para a vida humana” (p. 280). Isso nos leva a pensar na posição crítica da educação ambiental, onde, antes de procurar por transmissão de valores e conscientização, é necessário dar aos sujeitos oportunidades edificantes, onde eles mesmos, a partir da riqueza ambiental, possam construir suas riquezas subjetivas, desenvolvendo-se a partir e com o ambiente, em constante troca.

Para alguns, numa lógica liberal e capitalista, dar voz a essa população marginalizada pode parecer pouco produtivo e não muito interessante. Para nós, aqui neste projeto, é um rompimento, uma falha no sistema, um ato político. Apesar de estarem passando por condições extremamente desumanas, essas pessoas têm muito a nos dizer, pois elas assumem o não-lugar, elas fogem dos padrões e escancaram a vida pública, mostrando-nos aquilo que queremos esconder de nós mesmos. Eles representam o que chamamos de os excluídos e os desviantes, pois mostram, nas suas condições precárias de sobrevivência, que estamos longe de atingir condições dignas a todos e todas. Portanto, entendemos que o primeiro passo para lutar contra essa desumanização é oportunizando espaço e visibilidade às demandas dessa população. Christian Dunker (2009), quando nos explica sua “lógica do condomínio”, mostra nossa tendência a reduzir em espaços fechados, círculos protegidos, aquilo que consideramos bom, justo e correto. Fechamo-nos em muros (físicos e simbólicos) na tentativa de nos proteger do mundo lá fora, cruel e violento, fugindo do que consideramos “mau” no mundo. E quando isso não é possível, fechamos os desviantes e

### *Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo*

excluídos em muros simbólicos invisíveis, mas muito eficazes. Dar voz a quem vive atrás destes muros é a nossa possibilidade de ver a complexidade humana e a real fuga de nós mesmos quando anulamos o outro.

Gadamer (1985) diz que a negatividade é necessária para a arte. Com isso, o filósofo quis dizer que há algo na arte que funciona como uma falha, como uma fissura na superfície lisa, que de certa maneira nos desacomoda. Assim, a obra de arte pressupõe um abalo ao observador, tirando-lhe do lugar comum, fugindo da estruturação óbvia e automática do pensamento. Por esse motivo, podemos pensar que a estética abre espaço para aquilo que nos é estranho e, a partir daí, abre espaço para a percepção mais precisa do outro. Esse outro, estranho, só pode ser observado com verdade quando há, nessa ruptura, um estímulo à percepção sensível, e por isso, a estética entra como elemento que exercita o olhar. Aí está o problema da “lógica do condomínio”, pois ela nos coloca sempre entre pares, entre iguais, onde a experiência do ser fica balizada por aquilo que é confortável, conhecido e seguro. Não há espaço aí, para a alteridade. É como se estivéssemos fechados em uma bolha.

Neste trabalho, um dos exercícios propostos é furar esta bolha, romper com o esperado e lógico e exercitar a alteridade a partir da estética da fotografia tanto com os sujeitos participantes, quanto com aqueles que apreciarão suas fotografias. Esse diálogo “abre caminho para o aparecimento de um outro, que não nos é dado a perceber numa rígida estruturação racional de princípios éticos abstratos (HERMANN, 2006, p. 36)” pois “historicamente sempre a estética se interpôs contra o rígido racionalismo e apresenta condições de lidar com as novas exigências éticas da realidade radicalmente plural”(HERMANN, 2006, p. 34). Assim, aos poucos, a estética nos ajuda, pois provoca o estranhamento, nos levando a trabalhar fora da zona de conforto e auxiliando na busca por sentido em uma esfera mais sensível, aberto ao outro e deixando-nos afetar por ele.

As fotos produzidas em nossas oficinas nos dão a possibilidade de diálogo com o outro. Podemos considerar então que, por esse viés, a arte, a natureza (meio ambiente) e o outro ocupam a mesma posição em relação ao eu e funcionam como espelhos. Em nossa ação, ao fotografar, o ambiente urbano conversa com o fotógrafo e pode, assim, ser descoberto. E quando descubro o mundo, descubro a mim mesmo. O homem da rua torna-se sujeito de sua própria narrativa, são sujeitos que interpretam o mundo buscando o belo

na experiência estética da fotografia. Abaixo (Fig. 3.), mais algumas das fotos que mostram essa busca em redescobrir o mundo e a si através da arte.

Figura 3 – Oficinas fotográficas



Fonte: Fotos feitas com câmeras digitais no cais do porto do município de Rio Grande.

Na experiência estética, nessa troca sensível entre o sujeito e o mundo, é possível ressignificar nossa relação com o meio ambiente e é possível, também, ressignificar nossa relação com nós mesmos. Por isso, na experiência estética, o ser humano se transforma. Lago (2012) traz em seu texto a perspectiva ontológica do filósofo Hans-Georg Gadamer para discutir como a experiência estética pode ser um caminho para a formação do ser, onde

[...] a experiência estética promove a autoformação, na medida em que possibilita a experiência profunda de si, de quem a realiza, na relação consigo, com o outro e com o mundo. Acontece dessa forma, por pressupor uma certa abertura e receptividade de novas ideias, de novas possibilidades. Para Gadamer, significa que, quem entra em jogo com a obra, é convocado ao ser. Contudo, é importante destacar que plenitude da experiência estética como autoformação, somente é possível de ser atingida no jogo intersubjetivo que ocorre com o viger do outro. (LAGO, 2012, p.8)

Gadamer utiliza a ideia de que a experiência humana é pautada pela linguagem e usa a alegoria do jogo para explicar a importância da postura dialógica na qual ambos interlocutores são transformados. Dessa forma, ele entende que compreender o que se lê ou interpreta só é possível quando há profundo respeito pela alteridade. No jogo, por

## Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo

exemplo, uma postura dialógica é essencial para que haja engajamento dos participantes a ponto de fazer a dinâmica acontecer. Dessa forma, o Outro se torna algo a ser lido e interpretado e esse movimento provoca mudanças no Eu. Quando imersos na experiência estética, a arte é o outro a ser lido e o observador acaba sendo interpelado por aquilo que observa. Ao mesmo tempo, aquilo que é observado também não permanece estático. Surge aí a ideia do “sujeito-intérprete” presente no “mundo-texto” e nessa relação eu/mundo uma profunda experiência de si é possível.

Como mencionamos antes, terminamos este projeto de ação com uma exposição das fotos produzidas nos locais escolhidos pelos participantes. As fotos, quando expostas, revelam a potência desses sujeitos, mostrando suas forças internas e sua capacidade criativa. São os olhares de quem não conhecemos e muitas vezes não queremos que sejam (re)conhecidos. Abaixo (Fig. 4) podemos ver algumas imagens ilustrativas da exposição e da visita que os autores das fotos realizaram.

Figura 4 – Exposição fotográfica.



Fonte: Cartaz de divulgação da exposição à esquerda e participantes visitando a exposição à direita.

Esta imagem é importante, pois mostra o encontro dos artistas, que se constituíram ao longo da experiência, com suas obras. Nela, vemos o cartaz de divulgação da exposição contando um pouco sobre a origem da experiência e a seguir as fotos selecionadas pelos fotógrafos. Abaixo das fotos, podemos ver também as câmeras *pinhole* utilizadas em algumas captações de imagem. Nesta experiência, além de nós, apreciadores de suas artes, eles também puderam visitar a exposição para contemplar suas próprias criações. Quando

chegaram, buscaram identificar as fotos e seus respectivos autores, numa busca por si mesmo. Buscar a si mesmo na cidade é um movimento importante para nós, pois indica a possibilidade do diálogo dos sujeitos consigo e com o local que habitam. Nesse sentido, podemos imaginar que um primeiro passo aqui foi dado, plantando a semente de uma construção subjetiva de identificação e troca.

### **Considerações finais**

A proposta deste trabalho teve como intenção partir de um pressuposto importante para a EA: a dimensão comunitária da EA onde a ação deve ser construtiva, cooperativa e interdisciplinar. E para, além disso, abarcar uma dimensão política não só na discussão teórica após a ação, mas também durante as atividades propostas. Outro aspecto importante que pode ser observado neste trabalho é que a EA deve ser sempre pensada de acordo com as peculiaridades de cada contexto. Esse aspecto veio à tona quando os participantes da ação optaram por fotografar uma área da cidade de extrema relevância histórica e social, o cais do antigo porto, próximo ao mercado público. Rio Grande é uma cidade muito antiga e cresceu ao redor das atividades pesqueiras e portuárias, fatores que constituem a identidade dos seus habitantes.

O uso da fotografia na ação em educação ambiental busca uma abertura para a alteridade e para os diálogos com o outro. E esse outro, refletido, mostra-me a mim mesmo. Portanto, essa percepção do meio através da fotografia pode ser o início da construção dos sujeitos ecológicos, ou seja, sujeitos que se percebem em comunhão com o meio ambiente nos âmbitos social, econômico e histórico, e por isso, são capazes de um olhar crítico de suas condições, ações e contextos que estão inseridos (HOFSTATTER & OLIVEIRA, 2015). Eles se tornam intérpretes da cidade, das ruas, das relações e através da fotografia mostram, em um discurso artístico, de que são feitos e como se percebem. Esse tipo de metodologia de ação pode se aproximar do que fala Sánchez (2010) quando menciona que tais “metodologias em EA devem ser fruto de um processo de construção com o outro e não para o outro”. Ainda segundo Sánchez,

A percepção ambiental pode ser definida como tomada de consciência do ambiente pelo ser humano, ou seja, o ato de perceber o ambiente em que se está inserido, tendo consciência da inter-relação e da necessidade em protegê-lo como cuidar de si mesmo. Nesta conjuntura, cada um de nós terá uma percepção diferente de meio ambiente, um possível exercício é fazer com que os educandos identifiquem suas racionalidades e percepções de modo a se processarem novas experiências e formas de se relacionar. (2010, p. 394).

## *Os olhos da rua: a fotografia como processo de ser/estar no mundo*

Na sua perspectiva crítica, a EA se propõe a romper com o sistema vigente e procura construir um modo de viver mais igualitário e sustentável, que dá espaço ao sensível ao que de nós é mais humano. Acreditamos que a arte é uma maneira de reconexão do humano com o mundo e consigo mesmo, e que, através dessa conexão, podemos estabelecer espaços e laços mais saudáveis e construtivos. Acreditamos também que todo e qualquer indivíduo carrega uma história a ser contada, única e exclusiva, que faz parte de uma grande soma de histórias que compõem o grande mosaico humano. E nesse mosaico, todas as formas de vida devem ser respeitadas e ouvidas, com espaço para expressão de seus desejos e angústias. A arte abre a possibilidade do vazio, do diálogo, do não saber. Abre uma fenda onde podemos nos relacionar com o mundo, com o outro e com nós mesmos através de um olhar mais apurado, sensível e verdadeiro.

### **Referências**

ALCANTARA, Stefania Carneiro de; et al. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicología**, 24(1), p. 129-143, 2015.

COSTA, Ana Paula Motta. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Revista Virtual Textos & Contextos**, 4(1), p. 1-15, 2005.

COUSIN, Cláudia da Silva. **Pertencer ao navegar, agir e narrar: a formação de educadores ambientais**. 2010. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande - Furg, Rio Grande, 2010. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2842>. Acesso em: 19 nov. 2019.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. **Revista Leitura Flutuante**, 1, p.1-8, 2009.

EICHENBERGER, Jacqueline Carrilho; PEREIRA, Vilmar Alves. Filosofia Hermenêutica e suas contribuições para a Educação Ambiental. **Poliética**, 4(1), p. 3-36, 2016.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1929/1930]. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da loucura – na Idade Clássica (J. T. Coelho Neto, Trad., 8ª ed., Coleção Estudos, 61). São Paulo: Perspectiva, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

HERMANN, Nadja. Ética, estética e alteridade. In: *Cultura e Alteridade: confluências*. Amarildo Luiz Trevisan, Elisete M. Tomazetti (Orgs.). Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

HOFSTATTER, Lakshmi Juliane Vallium; OLIVEIRA, Haydée Torres. Olhares perceptivos: Usos e sentidos da fotografia na Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, 10(2), p. 91-108, 2015.

LAGO, Clenio. Experiência estética como experiência formativa a partir da ontologia de Hans-Georg Gadamer. **EccoS**, 28, p. 17-30, 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a Educação Ambiental? O cenário político-ideológico da Educação Ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7(14), p. 398-421, 2012.

MARIN, Andreia Aparecida; SILVEIRA, Eduardo. Cosmos e locus: dos significados da cidadania planetária à construção de mitos positivos do cotidiano no discurso da educação estética ambiental. **OLAM – Ciência e Tecnologia**. Ano IX. 9(2), p. 164-186, 2009.

MARIN, Andreia Aparecida; KASPER, Kátia Maria. A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. **Educação em revista**, 25(2), p.267-282, 2009.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, 7(2), p. 237-250, 2002.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SÁNCHEZ, Celso; MONTEIRO, Bruno; MONTEIRO, Renata. Na trilha das pedras: algumas considerações sobre as metodologias de educação ambiental e o processo de escuta. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, 24, p. 384-396, 2010.

SANDER, Jardel. A caixa de ferramentas de Michel Foucault, a reforma psiquiátrica e os desafios contemporâneos. **Psicologia & Sociedade**, 22(2), 382-387, 2010.

## Sobre as autoras

### Carolina da Silva Peixoto

Graduada em Psicologia (2019) e em Ciências Biológicas Licenciatura (2011) pela Universidade Federal do Rio Grande. Possui mestrado em Ciências Fisiológicas - Fisiologia Animal Comparada (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande, onde atuou com pesquisa e extensão no Laboratório de Neurociências. Possui especialização em Educação Ambiental (2019) também na Universidade Federal do Rio Grande. Atuou como professora de ciências e biologia, tendo experiência na área da educação. Atualmente, atua como psicóloga clínica em consultório particular e colabora como voluntária no Centro de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande.

E-mail: carol\_speixoto@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0844-8275>

**Simone Grohs Freire**

Bacharel em Direito (FURG, 1994), mestre em Desenvolvimento Regional (UNISC, 2000), doutora em Educação Ambiental (FURG, 2017). Atualmente é coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) e professora associada da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Direito e Educação Ambiental (GPDEA); Grupo de Estudos em Filosofias Emergentes (GEFE); Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica - Regional Extremo Sul (NESEF). Principais áreas de atuação: Educação Ambiental, Ética, Hermenêutica, Feminismo, Direitos Humanos e Direito Tributário.

E-mail: [simonesgfreire@gmail.com](mailto:simonesgfreire@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-3566-0669>

Recebido em: 07/08/2020

Aceito para publicação em: 29/08/2020